



FATALIDADE DO DESTINO OU COMPULSÃO DE UM DESTINO?

NELE GONÇALVES DURÃO

RESUMO

Este trabalho pretende fazer uma reflexão a respeito de determinados fatos que podem ocorrer na vida do sujeito, pensando, até que ponto, é uma mera causalidade do destino ou se são efeitos da pulsão de morte. É feita uma referência ao texto “Além do princípio do prazer”, escrito por Freud em 1920, na tentativa de investigar pontos que concernem ao sujeito do inconsciente, pulsão de morte, causalidade psíquica, compulsão à repetição, além da função do analista diante desta temática.

Palavras-chave: Pulsão de morte.

Sintoma. Repetição. Destino.

¿FATALIDAD DE LA SUERTE O EL DESTINO DE UNA COMPULSIÓN?

RESUMEN

Este trabajo se propone reflexionar sobre algunos hechos que pueden ocurrir en la vida del sujeto, los considerando, en qué medida, es una mera causalidad del destino o si son efectos de la pulsión de muerte. Se hace una referencia al artículo "Más allá del principio del placer", escrito por Freud en 1920, en un intento de investigar los puntos relacionados al sujeto del inconsciente, pulsión de muerte, la causalidad psíquica, compulsión a la repetición y la función del analista en esta tema.

Palabras claves: Pulsión de muerte.

Síntoma. Repetición. Destino



**INEVITABILITY OF FATE OR DESTINY
OF A COMPULSION?**

ABSTRACT

This test intends to make a reflexion about facts that could happen in a person's life when it makes us we think if it is a casualty of destiny or death pulsion's effect. A reference has been

made to the test "Beyond of the principle of pleasure", written by Freud in 1920, with the attempt to investigate points related to the unconscious subject, death pulsion, compulsion to repeat and the function of the analyst to this theme.

Key words: Death pulsion. Symptom. Repetition. Destiny



A psicanálise começa pelo corpo. Logo de início, as histéricas, que tanto foram mencionadas e estudadas com rigor por Freud, contribuíram para o avanço da teoria psicanalítica explicitando, através de seus sintomas, modos em que o sofrimento mental poderia localizar-se no corpo, em forma de conversões, de maneira que um valor erógeno era atribuído ao órgão em questão e tinha causa determinante em sua disfunção.

O que intrigava muitos na época era a falta de fundamento orgânico nessas perturbações corporais que podiam

[...] atingir o andar (paralisias), a visão (cegueira), o estômago (a digestão), o sono... Isso pode atingir todas as funções e, no fundo, a tese de Freud é que não é uma doença do organismo que perturba a ordem funcional, mas uma erogeneização fora do lugar [...] (Soler, 2010, p. 47).

Nesse caso, uma causalidade dita inconsciente não deixa de ser, portanto, corporal, já que uma inscrição significativa pode encontrar lugar no corpo, através de sintomas.

Nota-se aí, um outro método de satisfazer a libido que foi expelida pela realidade e procurou outras vias para alcançar seu objetivo.

Esse componente libidinal está ligado às primeiras experiências sexuais infantis (apesar de Freud não desconsiderar traços de hereditariedade), que têm grande importância na vida e na doença dos seres humanos, já que têm a capacidade de deixar atrás de si as fixações da libido. *“Elas determinam as mais importantes consequências, porque ocorrem numa época de desenvolvimento incompleto e, por essa mesma razão, são capazes de ter efeitos traumáticos”* (Freud, 1996/1917 [1916/1917], p. 364)



Sendo assim, os sintomas criam um substituto de uma satisfação frustrada, realizando uma regressão da libido a um período anterior no qual não se privava de satisfação e obtinha prazer.

Porém, o grande paradoxo em questão é que os sintomas dão a impressão de ser algo completamente diferente daquilo que se costuma auferir satisfação. Ao contrário, assemelham-se a algo de caráter demoníaco e repetitivo que o sujeito tem grande dificuldade em abrir mão.

É disso que Freud fala alguns anos mais tarde, em 1920, de repetir algo que está recalçado como se fosse uma vivência do presente em detrimento de recordar seu conteúdo que se refere a um fragmento da vida sexual infantil, do complexo de Édipo e seus sucedâneos.

Essa compulsão à repetição, quase sempre, leva o sujeito a reviver algo que causa bastante desprazer a ele, já que atividades pulsionais recalçadas estão aí expostas. Entretanto, esse desprazer não contradiz o princípio do prazer, pois satisfaz um sistema e causa sofrimento ao outro.

Um fato surpreendente a que Freud se refere é que mesmo as moções pulsionais que retornam do passado não apresentam nenhuma possibilidade de prazer e em nenhum momento proporcionariam satisfações prazerosas.

Em seguida, Freud relaciona o fato de a vida sexual infantil conter desejos intoleráveis e impossíveis de serem conciliados com a realidade. Além disso, os investimentos amorosos da criança provenientes do complexo de Édipo acabam fracassando, o que causaria uma cicatriz narcísica que, de acordo com as investigações freudianas, constitui a mais importante contribuição ao constante 'sentimento de



inferioridade' dos neuróticos.

Por estar limitada pelo desenvolvimento físico que, no momento, lhe é restrito, a criança não alcança nenhuma conclusão satisfatória a respeito de sua investigação sexual.

Além disso, a própria tentativa de gerar um bebê é fracassada de forma humilhante, ao mesmo tempo em que a ternura que a criança recebe é reduzida, pois entram em cena exigências da educação que só tendem a aumentar.

Essas situações citadas a respeito de ocasiões indesejadas e situações afetivas de contexto doloroso são repetidas e revividas pelo neurótico com uma habilidade especial, numa situação transferencial analítica que, ao não poder ser mais a criança desejada tão apaixonadamente como era em sua infância, “[...] substituem-na pela intenção – ou pela suposta promessa – de receberem um grande presente que lhes seria dado, mas que acaba sendo tão irreal quanto a imagem da criança desejada que ficam a imaginar”. (Freud, 2006/1920, p. 146)

O que acontece, na realidade, são ações de pulsões que antes causavam desprazer ao invés de prazer e que, na atualidade, são coagidas a se repetirem.

Essa compulsão à repetição que se evidencia em neuróticos também pode ser notada em pessoas nas quais não se torna evidente uma neurose mediante a formação de sintomas.

Muitas pessoas nos passam a impressão de estarem sendo, por assim dizer, perseguidas por um destino maligno, isto é, de haver algo de demoníaco em suas vidas. Desde o início a psicanálise considerou que esse destino fatal era quase que inteiramente preparado por elas mesmas



e determinado por influências infantis precoces. (Freud, 2006/1920, p. 147)

No entanto, esse tipo de compulsão não difere da que é encontrada nos neuróticos, já que sempre há relato de casos de pessoas em que a relação com os outros leva sempre a desfechos similares em que, por exemplo, parecem destinados a vivenciar, com toda a amargura, a ingratidão do próximo, ou então, casos de homens em que uma amizade pode chegar ao fim com a traição de um amigo. Há também casos de amor em que passam sempre pelas mesmas fases e têm o mesmo fim etc.

Em relação a fatos como esses, Freud defende a posição de um sujeito ativo em que traços de caráter são mantidos e manifestos na repetição de suas experiências.

Entretanto, Freud é surpreendido pela existência de casos em que pessoas parecem vivenciar passivamente uma experiência sobre a qual não tiveram nenhuma influência, sendo que, o que lhes resta, neste caso, é experienciar a repetição de fatalidades similares.

Então, como se pode pensar isso?

Há casos em que acidentes diversos podem transformar a vida de uma pessoa, como violências físicas, sexuais, morais que atormentam, com caráter fantasmático, o caminhar do sujeito, além do fato que limitações e efeitos traumáticos diversos podem surgir.

Em casos como esses, parece que o sujeito não teve nenhuma participação ativa e foi simplesmente capturado numa tragédia. Porém, há alguns pontos a serem considerados:

a) Em “Além do princípio do prazer” (1996/1920), Freud afirma que o objetivo da vida



é o retorno ao estado inanimado, em que havia uma espécie de homeostase no qual tudo estava em perfeita harmonia e equilíbrio. É neste texto que Freud teoriza sobre a pulsão de morte como aquela que mantém caráter retroativo, de repetição, fazendo tentativa de retornar ao inorgânico.

Trata-se de uma forma do organismo procurar a morte a seu próprio modo, segundo suas leis internas, e o grande paradoxo é que essas pulsão, de uma certa forma, preservam a vida ao mesmo tempo em que está a serviço da morte.

Encontra-se aí um dos pontos mais intrigantes da teoria psicanalítica, pois percebe-se que se as condições ambientais fossem mantidas os seres vivos mais elementares se recusariam a mudar, e estariam sempre repetindo o mesmo percurso. Mas, como não é dessa forma que acontece, as pulsões conservadoras dão a impressão enganosa de que estariam impulsionando à mudança e à evolução.

Esse objetivo do retorno ao inanimado leva Freud a concluir que se “[...] *todo ser vivo morre, ou seja, retorna ao estado inorgânico devido a razões internas, então podemos dizer que: O objetivo de toda a vida é a morte, e remontando ao passado: O inanimado já existia antes do ser vivo*” (FREUD, 2006/1920, p. 161).

É nesse âmbito que Freud teoriza sobre a pulsão de morte, sendo que esta mantém caráter retroativo, de repetição, fazendo tentativa de retornar ao inorgânico.

- b) A leitura que Lacan (1997/1960, p. 259) faz de Freud é que essa pulsão de morte está além da questão do retorno ao inanimado e só pode ser considerada na medida em que há cadeia significativa.



Porém, Lacan ressalta que é imprescindível que, nesse ponto de pensamento de Freud, o que está em jogo deve ser articulado como pulsão de destruição, uma vez que ela põe em causa tudo o que existe. Ao mesmo tempo, há um desejo de criação a partir do nada, há algo com desejo de ser recomeçado.

“Essa dimensão é introduzida desde que a cadeia histórica é isolável, e que a história se apresenta como algo memorável e memorizado no sentido freudiano, algo que é registrado na cadeia significante e suspenso à sua existência.” (LACAN, 1997/1960, p. 260).

Há que se considerar que, quando se trata de psicanálise, é a responsabilidade do sujeito, naquilo que concerne ao desejo e ao gozo que o atravessam, que está em jogo.

A causalidade psíquica que o discurso freudiano inaugura deixa de lado a exterioridade pura que antigamente dominava a subjetividade e implica o sujeito em seu destino. Portanto, ele não será manejado pelo simples resultado de uma causalidade externa, mas, do ponto de vista da causalidade psíquica, está implicado em seus desejos, seus atos e hesitações ‘gozadoras’. (AMBERTIN, 2009, p. 240-241).

Esse é mais um paradoxo das descobertas freudianas, pois ao mesmo tempo em que atribui ao sujeito do inconsciente um saber não sabido, afirma que este sujeito é responsável por seus atos e sua fala. Conseqüentemente, seu destino não lhe é alheio.

Será que depois dessa exposição se pode pensar sobre a ocorrência de destinos fatais, já mencionadas neste texto? Que algo do corpo está sendo lançado para o fim e que o sujeito já estaria pré-disposto a uma autoaniquilação? Como se daria um possível posicionamento do analista diante desse fato?



Que a psicanálise avançou em relação à subjetividade quando rejeita a posição do sujeito como vítima é fato, resta ao analista perceber que:

[...] o inconsciente freudiano dá conta do padecimento estrutural do ser humano que vocifera a duplicidade que o habita, porém isso não o exime da responsabilidade de decifrar as formações do inconsciente, isto é, de responder por elas. A grande descoberta freudiana não se refere apenas ao inconsciente, mas também às ferramentas necessárias para decifrá-lo”.

(Ambertín, 2009, p. 241)

Em situações nas quais se percebe uma espécie de maldição causada por um destino tão cruel, resta ao analista uma escuta apurada daquilo que o sujeito lhe traz. Trata-se de algo que faz pensar a respeito do que fazer com o destino trágico, como trabalhá-lo na clínica psicanalítica, já que se trata de um lugar em que se pressupõe a existência de um sujeito ativo e uma das funções do analista é apostar na existência de um “saber fazer” em relação à um destino no qual se está sujeito (mas não assujeitado).

Além disso, é pensar que entre fatalidade do destino e compulsão de um destino há um algo além e disso o sujeito poderá dizer.



REFERÊNCIAS

- Ambertín, M. (2009). *Entre dívidas e culpas: sacrifícios – crítica da razão sacrificial*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Freud, S. (1996). Conferência XXIII. Os caminhos da formação dos sintomas. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud* (v. 16, p. 361). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917 [1916-17])
- Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (volume II: 1915-1920, p. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1920)
- Lacan, J. (1997). Seminário 7. *A ética da psicanálise* (A. Quinet Trad). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (volume II: 1915-1920, p. 123-198). Rio de Janeiro: Imago. Trabalho original publicado em 1920)
- Lacan, J (2008). Seminário 11. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno Trad.) 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Trabalho original publicado em 1964)
- Soler, C.(2010). O “corpo falante”. *Stylus*, 8-91.